



A narrativa trágica e heróica
de um holocausto que nunca
deveria ter acontecido

Edifício em chamas — o incêndio no Joelma

JAMES H. WINCHESTER

UMA SECRETÁRIA, no 12.º andar do Edifício Joelma, foi a primeira a perceber o que se estava passando. Ela ouviu um ruído semelhante a um crepitar, vindo de uma sala vazia. Investigando, viu as espirais de fumaça que saíam de um aparelho de ar condicionado. Eram 8:50 da manhã, do dia 1.º de fevereiro de 1974.

O Edifício Joelma, em São Paulo, com seus 26 andares, que valem 200 milhões de cruzeiros, tinha sido inaugurado havia poucos meses. O Banco Crefisul de Investimentos, subsidiá-

rio do First National City Bank, de Nova York, ocupava o andar térreo e os 15 andares superiores; os 10 andares do meio serviam como parque de estacionamento. Cerca de 750 dos 1016 empregados do banco já estavam no edifício, prontos para começar o trabalho às 9 horas.

A secretária, alarmada com a fumaça que saía do ar condicionado, telefonou para o serviço de manutenção do edifício. Mandaram um electricista imediatamente verificar.

Mas a situação, no entanto, já estava fora de controle. «Foi como uma explosão», disse depois uma arquivista. «Havia só um pouquinho de fumaça, e, de repente, tudo estava em chamas. Nunca pensei que o fogo se espalhasse tão depressa.»

Vindo pelo sistema de ar condicionado, as labaredas lambeiram e logo incendiaram as cortinas das janelas. Então, com selvagem velocidade, chegaram aos lambris, aos biombos, aos azulejos de fibra do teto e à tapeçaria. Não havia sistema de extintores de repuxo no teto em todo o edifício; o código de construção civil de São Paulo não o exige. Só o piso e as paredes de concreto do edifício eram à prova de fogo.

Quase todos os 40 funcionários do 12.º andar correram para as estreitas escadas. Outros esperaram pelos elevadores. Ninguém tentou combater o fogo. Uma mangueira existente naquele andar não chegou sequer a ser desenrolada.

No 13.º andar, René Contiéri, gerente-administrativo do banco; olhou por uma janela e viu fumaça num

lado do edifício. Correndo para baixo, ele encontrou o electricista, que estava saindo de um elevador no 12.º andar. Mal se enxergavam um ao outro, no meio da densa fumaça. Vendo que não adiantava fazer o que quer que fosse, o electricista também se dirigiu às escadas. Contiéri voltou ao 13.º andar, para avisar seus funcionários. Ouviu as sirenes dos bombeiros lá fora na rua. Eles haviam sido alertados pela telefonista de um hotel defronte. «Precisamos de *todo mundo*», disse pelo rádio o primeiro bombeiro a chegar ao edifício.

«**Já chega!**» No 17.º andar, Geni Dias, de 22 anos, estava fazendo café para os outros empregados quando sentiu o cheiro de algo queimando. «Pensei a princípio que fosse a máquina de fazer café», ela recorda. Eram 9:15 agora. Quando as chamas e a fumaça começaram a envolvê-la, ela correu para o banheiro feminino. Ninguém mais estava no andar. Sozinha, ela começou a rezar: «Oh, meu Deus, não deixe que esta seja a minha hora!»

Lá embaixo, os quatro elevadores do edifício começaram a despejar pessoas no andar térreo. Então o chefe da portaria ordenou: «Já chega! A força pode acabar e as pessoas ficarão nos elevadores.» Duas das quatro cabineiras desafiaram a ordem do chefe da portaria, fechando as portas dos elevadores na sua cara quando ele tentava tirá-las de lá. Nos 15 minutos seguintes, elas continuaram as viagens, trazendo mais de 25 pessoas de cada vez—

embora os elevadores tivessem sido feitos para transportar apenas 14. Na 4.^a viagem, Helena Carmem Pereira, de 27 anos, tinha acabado de passar pelo 20.^o andar em chamas quando a força acabou. Horas depois, os bombeiros encontraram o seu corpo perto da porta aberta do elevador.

Zélia da Silva, de 28 anos e mãe de dois filhos, chegou ao 23.^o andar na sua 3.^a viagem. Cerca de 30 pessoas entraram no elevador. O peso era demais. O carro desceu com o dobro da velocidade normal e se chocou contra o piso do subterrâneo com um estrondo. Seus passageiros estavam tão apertados uns contra os outros que se acolchoaram mutuamente e ninguém se machucou muito. A polícia arrombou a porta e ajudou-os a sair.

Fuga para o terraço. Impedidos de descer pelas escadas ou pelos elevadores, mais de 150 empregados conseguiram subir até o terraço. No topo das escadas, havia duas janelas, uma que se abria para o lado norte do terraço, onde havia uma caixa-d'água, e outra para o sul. Alguns passaram por uma, outros por outra. Para muitos, aquela escolha arbitrária iria significar a diferença entre a vida e a morte.

As chamas que vinham do lado sul do edifício, subindo pelo parapeito do terraço, torraram mais de 60 pessoas. As outras 100 que escolheram a ala norte, no entanto, ficaram mais ou menos defendidas pela caixa-d'água. Muitos ficaram ainda mais protegidos quando o telhado, construído com uma ligeira inclinação para per-

mitir que a água da chuva escorresse, se rompeu sob o seu peso e criou para eles uma espécie de abrigo, que as chamas não poderiam atingir diretamente.

Eram 9:50 agora. O fogo já durava uma hora. No 25.^o andar, as chamas começavam a subir pelo parapeito da janela onde Carlos Alberto Novaes, gerente de planejamento do banco, e três outros funcionários se acotovelavam. Diante da morte quase certa, Novaes decidiu se arriscar. Tinha uma chance em mil. Como antigo ginasta amador, subiu ao parapeito e, saltando com o corpo um pouco para fora, agarrou o parapeito do andar superior, cerca de um metro acima. Sua cabeça teria batido na parte inferior do parapeito se ele tivesse pulado com o corpo erecto. Pendurado a uma altura de 25 andares, com as pernas se agitando no ar, ele lentamente conseguiu se alçar até bem perto do parapeito do terraço. Lá, enquanto alguns o seguravam pelas pernas, ele agarrou os pulsos de outras pessoas que já estavam no terraço e foi puxado rapidamente para cima.

«**Como bombas!**» Os bombeiros de São Paulo não tinham escadas que conseguissem chegar além do 15.^o andar. Mais de 40 pessoas, acuadas pela fumaça e pelas chamas, pularam do terraço ou das janelas. Todas morreram. À medida que saltavam, gritos de horror brotavam em uníssonos dos milhares de espectadores nas ruas próximas. Segundo uma testemunha: «Os corpos pareciam bombas caindo!»

O bombeiro Ezequiel Pereira, escalando por uma escada o exterior do edifício, salvou uma jovem pendurada num parapeito do 15.º andar. Já começara a descer de volta, com ela nas costas, quando um homem que saltara de vários andares acima caiu justamente sobre eles e ricocheteou para baixo.

«Pensei que íamos cair também», disse mais tarde o bombeiro, de 30 anos. Mas, de alguma forma, ele conseguiu manter tanto o equilíbrio quanto a garota, e finalmente pôde chegar à rua. A jovem quebrou a coluna. Paralisada da cintura para baixo, ela nunca mais poderá andar.

No 17.º andar, Geni Dias, a garota que estava fazendo café, já não conseguia permanecer no banheiro. O calor do chão queimava os seus pés através da sola dos sapatos. Seu cabelo fumegava. Abrindo uma janela, ela se pendurou no parapeito. «Eu só pensava na morte», diz ela. «Já estava a ponto de me atirar quando as pernas daquele rapaz apareceram na minha frente, como se tivessem caído do céu.»

Acuado num parapeito no 22.º andar, Celso Bidtinger, um contador de 20 anos, havia esperado até que as chamas ao seu redor diminuíssem. Então, agarrando-se ao parapeito, com o corpo balançando no espaço como um pêndulo, ele conseguiu descer andar após andar. Quando Geni o viu, diz ela, «Agarrei-o.»

«Temos de descer», disse-lhe o contador. Pendurado pelas pontas dos dedos, ele atingiu o 16.º andar. Esticando-se todo, pegou Geni e ela

o seguiu. O jovem queria continuar descendo, mas Geni resistiu. «Não consigo. Pelo amor de Deus, não me deixe.»

Segurando-a firmemente, Bidtinger permaneceu ali. Já devia ser quase meio-dia, quando os bombeiros, usando uma escada, finalmente os alcançaram e os desceram com segurança. «Quando chegamos ao chão, agarrei o rapaz e o beijei», diz Geni. «Foi um milagre.»

«**Que garota!**» Na ala sul do terraço, por volta das 11 horas, já havia dezenas de mortos. Os sobreviventes arrancavam os anéis e relógios de pulso e os jogavam fora — estavam insuportavelmente quentes. Diz um sobrevivente do terraço: «A gente podia ver a pele se enrugando como papel de seda, naquele calor.»

«Oh, meu Deus, não quero morrer!», gritou uma garota, e isso gerou o pânico. Lamúrias e gritos se espalharam. Um homem subiu ao parapeito para pular. «Tive que dar-lhe vários murros», diz Adolfo Cilento Neto, membro do departamento orçamentário do banco. «Ele podia voltar a si e tentar pular de novo. Tive que pô-lo a nocaute. No dia seguinte, ele me agradeceu.» Diz outro: «Agarrei a blusa de uma garota que estava saltando. Mas a blusa rasgou, e ela caiu.»

Lá em cima, pequenos helicópteros continuavam sobrevoando em vão, incapazes de descer no terraço por causa das chamas e do calor. Foi quando apareceu um helicóptero de propriedade da Companhia de Pneus Pirelli, trazendo o Sargento Carlos

Cassaniga, membro do 1.º batalhão da Polícia Militar de São Paulo. O helicóptero parou no ar, a cinco metros do terraço, e Cassaniga, sentado na porta aberta da cabine, saltou. Bateu pesadamente no solo e quebrou vários ossos do pé direito.

«Aquilo parecia um inferno», diz Cassaniga. «Quase todo mundo estava histérico. Meu primeiro trabalho foi tentar acalmá-los. Uma garota ajudou muito. Estava terrivelmente queimada, mas não parava um minuto, indo de grupo para grupo, consolando-os, dizendo que o socorro estava a caminho, ensinando-lhes como respirar lentamente na fumaça. Nunca soube o nome dela, mas que garota!»

O helicóptero da Pirelli voltava agora, trazendo Hélio Caldas, comandante da Companhia de Salvamento dos bombeiros de São Paulo, e um rolo de corda com 40 metros de comprimento. O Capitão Caldas jogou a corda, e o Sargento Cassaniga amarrou-a rapidamente a um suporte no terraço. O helicóptero então pousou no terraço de um prédio vizinho, também de 26 andares, o Edifício São Patrício, separado do Joelma por cerca de 20 metros. Caldas agarrou a outra ponta da corda e amarrou-a ao terraço do São Patrício.

Embora a maior parte das chamas tivesse diminuído, a fumaça ainda continuava terrível. O Capitão Caldas agarrou-se à ponta da corda no outro edifício e anunciou calmamente: «Estou indo!»

Desenrolando uma segunda corda atrás dele, quase suspenso a 26 andares do solo, puxando-se com

as mãos e prendendo as pernas à corda para maior segurança, Caldas cruzou a «ponte» entre os dois edifícios. Quando atingiu o terraço em chamas, Cassaniga ajudou-o a descer. Agora a segunda corda que Caldas trouxera consigo foi também amarrada ao lado da primeira, tornando-se uma espécie de trilho, como o de uma estrada de ferro. Vários outros homens do 1.º Batalhão fizeram o mesmo percurso até o terraço do Joelma, para ajudar as pessoas.

Foi quando chegou um grande helicóptero da Força Aérea, despachado de sua base, a quase 100 quilômetros dali. Planando baixinho sobre o teto, ele descarregou o Tenente Luís Nakaharada, subcomandante do 1.º Batalhão, e um jovem estudante de medicina, Vanderlei Peixoto, que se oferecera para ajudar. Quando o helicóptero baixou ainda mais, o grupo em pânico praticamente amotinou-se, brigando e acotovelando-se para chegar à cabine.

Os salvadores tiveram que usar os seus punhos para calmar os mais apressados. Aos poucos restabeleceu-se a ordem, e começou a evacuação do terraço, que levou duas horas e meia e precisou de mais de 20 viagens. Primeiro, os feridos; depois as mulheres; e, finalmente, os homens—81 pessoas, ao todo. Três vezes durante esta heróica operação, as pás do rotor do helicóptero atingiram a parede da caixa-d'água, arranhando a fundo o concreto.

«Só tínhamos tempo de planar e prender o fôlego, enquanto as pessoas

eram içadas para a cabine», diz o Major Sérgio Pradatzky, piloto do helicóptero. «Algumas vezes tínhamos sobreviventes empilhados como lenha.»

Rescaldo. Por volta do meio-dia, os bombeiros e a equipe de salvamento do 1.º Batalhão começaram a trabalhar dentro do edifício. O calor ainda estava tão forte, no entanto, que eles tiveram de se embrulhar em lençóis molhados ou colocar gelo entre a roupa e a pele. Num pequeno banheiro, seis jovens foram encontradas mortas, umas ao lado das outras. Em outro, duas mulheres estavam estateladas, uma morta, outra inconsciente. Recebendo oxigênio, a segunda se recuperou. Em outro andar, havia 16 corpos calcinados. Um deles era o de um bancário que tinha voltado ao banco exatamente naquela semana, após sua lua-de-mel; outro pertencia a uma jovem secretária, que começara a trabalhar naquele dia.

Ao todo, 179 pessoas morreram, enquanto 235 ficaram hospitalizadas. Pelo menos um terço dos mortos

foi de pessoas que saltaram ou caíram. Outro terço morreu no terraço.

O que causou o incêndio? A investigação provou que o ar condicionado do 12.º andar devia ser alimentado por um circuito elétrico especial de alta potência. Mas não havia nenhum desses circuitos instalados no escritório, e o aparelho fora ligado temporariamente à rede normal. Sem a energia adequada, aqueceu demasiadamente e provocou o incêndio.

Em São Paulo, foram propostos novos sistemas de proteção contra incêndios — inclusive sistemas de re-puxo automático e escadas e elevadores à prova de fogo. Mas, apesar da gravidade do incêndio do dia 1.º de Fevereiro, essas normas ainda não foram adotadas.

Diz José Roberto Faria Lima, membro da Câmara dos Deputados: «Só o heroísmo de nosso povo impediu que mais vidas fossem perdidas no Edifício Joelma. Mas esta bravura nunca mais deveria ser posta à prova desta forma.»



PHYLLIS Pasqualetti, presidente do Foro das Mulheres Democratas de São Francisco, estava tendo dificuldade para chamar suas congressistas à ordem: «Senhoras!», chamou ela. Nada. «Mulheres!» Nada ainda. Finalmente, gritou «Cidadãos!» e, imediatamente, todas as damas presentes lhe prestaram atenção.

— AP

UM AMIGO meu, de meia-idade, foi ao médico para um *check-up*, após o qual o médico lhe disse: «O senhor não tem nada.»

«Mas, doutor», perguntou meu amigo, «por que fico tão cansado às vezes?»

«Falta de juventude», respondeu o médico, «nada mais do que isso.»

— L. A.